

Fundador da revista Stella – Fátima.

in ROTEIRO DA VIDA DO PE. MANUEL NUNES FORMIGÃO- Dr. Rafael Marques

Entre os meses de Setembro e Novembro de 1933, o Dr. Formigão, por incumbência do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fez uma grande viagem à Europa, com o objectivo específico de estudar a Acção Católica e a Acção Social Cristã, antes da constituição definitiva do Conselho Nacional dos Dirigentes de Obras Sociais de que aquele sacerdote fazia parte. Aproveita ainda para recolher informações directas e fidedignas sobre os diferentes Institutos que, por aquela época, estavam a aparecer em Espanha, França e Bélgica, a fim de obter uma melhor orientação para a reorganização da Obra de Santarém. Durante todo esse périplo, colocado sob a protecção de Santa Teresa do Menino Jesus, foi mantendo informado o Arcebispo de Mitilene, D. Ernesto Sena de Oliveira, de tudo aquilo que via, conforme atesta a inúmera correspondência enviada para aquele Prelado.

Ao longo da viagem foi sendo confrontado com o impacto que a imprensa escrita católica tinha, principalmente em Espanha e França, na mentalidade de milhares e milhares de leitores que a ela facilmente iam tendo acesso, não só pelo reduzido custo das publicações, mas também pela qualidade dos assuntos e literatura apresentados. Salienta a gigantesca tiragem do jornal católico madrileno El Debate, bem como a imponente tipografia que lhe servia de suporte para a tiragem diária e que era o orgulho dos católicos espanhóis, rivalizando com os melhores e proeminentes jornais laicos europeus de então. Em Paris visita os escritórios do La Croix e as instalações da Associação da Boa Imprensa francesa (Maison de la Bonne Presse), que imprimia e publicava 18 semanários e revistas em toda a França.

Estou profundamente convicto que a génese da revista Stella esteve nesta viagem do Dr. Formigão, ao deparar-se, in loco, para a insubstituível importância da imprensa escrita na propaganda e divulgação do Evangelho, da pastoral da Igreja e da própria Mensagem de Fátima. É o que transparece

da correspondência trocada com o Bispo de Leiria ao longo do ano de 1936. Alias, a própria experiência do jornal Voz da Fátima, fundado em 1922, confirmava esta sua visão.

Contudo, o destinatário da sua nova revista era um público diferente. Idealizou uma revista fundamentalmente para um público feminino, numa altura em que a Acção Católica Portuguesa estava animada de um ambiente verdadeiramente extraordinário e cujo ramo da Juventude Católica Feminina era impulsionado por uma grande propagandista, a D. Maria da Soledade Mourão de Freitas, associada desde a primeira hora, como agregada leiga à Congregação do Dr. Formigão. Mais tarde e já na qualidade de regente das Oblatas da Obra, tornou-se a primeira directora da revista Stella.

Em Julho de 1936, o Cónego Formigão troca as primeiras impressões com o Pe. Vitorino Caetano Pereira, pároco da Sé, no Porto, sobre a publicação de uma revista para senhoras, do género da Aleluia por ele fundada dois anos antes, mas que tinha acabado por falta de colaboradores e não por dificuldades económicas. Na persecução deste objectivo, escreve uma importante carta ao Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, datada de 15 de Setembro, onde lhe dá a conhecer a intenção de se lançar uma revista religiosa, científica e literária, a fim de preencher uma lacuna importante existente no país, ao nível da imprensa escrita. Fundamenta que não havia em Portugal uma revista católica daquela natureza, destinada a senhoras e meninas possuidoras de alguma instrução e que tivesse por fim, principalmente, proporcionar-lhes noções claras e seguras sobre todos os assuntos de ordem moral e religiosa, de modo a contribuir-lhes na formação da sua inteligência e carácter, fazendo-as cristãs piedosas, dotadas de convicções fortes e conhecimentos doutrinários e históricos que as habilitassem a defender, de viva voz, a religião católica. Era, na verdade, uma grande ambição do Dr. Formigão!

Acresce ainda o desiderato de, com esta publicação, ganhar terreno às congéneres que iam proliferando pelo país nas classes mais cultas, mas destituídas de espírito cristão e que, ao invés de educarem, não raro pervertiam ou deformavam.

Informa também D. José que a nova revista iria igualmente proporcionar às religiosas da Congregação uma ocupação de grande utilidade à causa da Igreja, além de ir ao encontro, em perfeita harmonia, do seu ideal de vida semi-contemplativo próprio de almas reparadoras. Simultaneamente, possibilitar-lhes-ia os recursos materiais indispensáveis à expansão do seu Instituto e que por outra forma não seria possível sem desviar a sua vocação. Dá ainda a ideia para um primeiro título da revista – Mundo Feminino Ilustrado – e que esta iria a ser impressa na Tipografia de S. José, em Braga.

D. José Alves Correia da Silva responde com alguma prudência ao Dr. Formigão, advertindo-o que mais uma revista portuguesa só seria viável se se apresentasse bem graficamente, fosse bem redigida, leve e bem feminina, tendo ainda uma secção de modas honestas, trabalhos de cozinha, etc., e tivesse ainda a devida propaganda. Apresenta ainda como possível título da mesma Revista Feminina Católica. No mês de Outubro ficou decidido que a revista iria chamar-se Stella, em homenagem a Nossa Senhora, a Stella Matutina, e também porque, no dizer dos pastorinhos de Aljustrel, quando a Virgem lhes apareceu mais brilhante que o sol, na sua frente resplandecia, com fulgor especial, uma linda estrela.

Ainda durante esse mês de Outubro começou a preparação dos artigos a publicar, tendo sido a sua directora informada – D. Maria da Soledade Mourão de Freitas – que o Bispo de Leiria se responsabilizaria a escrever as palavras de apresentação, aprovando-a e dando-lhe uma bênção especial. Entretanto começaram a chegar às mãos do Dr. Formigão os primeiros originais das Irmãs Ernestina e Maria do Carmo, fazendo-lhes poucas correcções, esforçando-se ainda este sacerdote a efectuar convites a pessoas de renome no sentido de contribuírem com artigos para sua revista, com a finalidade de a prestigiarem. Entre outras pessoas, destacava-se D. Clarissa Beatriz Lopo de Miranda, professora oficial do ensino primário e esposa do Inspector Escolar do Distrito de Bragança.

O aspecto gráfico da publicação foi outra das grandes preocupações do Dr. Formigão, tendo então obtido excelente e notável apoio da artista Filomena Mourão de Freitas, por sinal irmã da directora da Stella. A ela coube a elaboração da capa do primeiro número da revista, bem como diversos

desenhos do seu interior, dando um ímpar e inigualável contributo na sua ilustração ao longo de muitos anos. Como curiosidade, é da sua autoria a belíssima tela de Nossa Senhora (adolescente no Templo) que se encontra actualmente no Museu da Casa Cónego Formigão, mas que durante muitos anos esteve colocado na Casa-Mãe da Congregação, em concreto no local onde o aquele faleceu.

No dia 21 de Novembro celebra-se o contrato entre a Congregação e a Oficina de S. José, de Braga, para a impressão da revista, depois de contactos feitos com outras tipografias, como foi o caso da Imprensa Portuguesa, no Porto. Imperaram na decisão razões económicas. A 7 de Dezembro o Cónego Formigão recebe as primeiras provas tipográficas, que rápida e cuidadosamente corrige, esperando as palavras de apresentação da revista por parte de D. José, que chegaram em carta datada de 13 desse mês. Escrevia o Prelado: “ (...) Bendita Estrela!... Aprovo a sua publicação e acompanho com a bênção de Deus esta “Stella” que, espero, há-de cantar os louvores de Deus em páginas quentes de amor do Senhor e suavemente, porque escrita por senhoras, dirigir as almas no caminho que leva à felicidade eterna”. O primeiro número sai em Janeiro de 1937.

Em Junho desse ano a revista tinha já 500 assinantes e iniciava-se intensa campanha de propaganda por todo país, sendo as maiores dinamizadoras desta acção várias Irmãs Oblatas, destacando-se a própria directora, para não falar desvelo incessante do seu santo fundador, atingindo-se no mês de Agosto do ano seguinte o simbólico número de 1000 assinantes.

No ano 2000 a tiragem era de 4.100 exemplares.

Cumpre-me enaltecer o grandioso trabalho do Dr. Formigão como a grande pedra angular da Stella que tudo fez para a manter de pé nos anos cruciais e difíceis do seu arranque, contribuindo com uma fidelidade incrível com os seus sempre tão desejados artigos, escudando-se mais uma vez num pseudónimo literário, por que também ficou conhecido: Mira Ceti. Só a trombose que o atingiu no dia 13 de Abril de 1956 o impediu de continuar a escrever. Dos três pseudónimos literários conhecidos este é, talvez, o mais difícil de explicar.

Mira (Omicron Ceti) é uma estrela gigante vermelha da classe espectral M, dupla e variável, da constelação de Cetus (Baleia), visível no hemisfério sul. Sendo uma das mais brilhantes estrelas do céu, Mira era conhecida pelos antigos como a Estrela Maravilhosa, tendo recebido este epíteto no século XVII, devido ao facto de mudar de aparência de forma significativa em ciclos de 332 dias. Mira varia o seu brilho cerca de 1500 vezes, indo da magnitude 2 (brilho máximo) à magnitude 10, tornando-se então visível apenas através de telescópios. A estrela mantém seu fulgor máximo apenas durante umas semanas, antes de baixar rapidamente.

Ela só foi definitivamente constatada como variável e o seu período calculado em 11 meses, no ano de 1638 pelo astrónomo holandês Johann Holward. Em 1642 Johannes Hevelius, de Dantzig, denominou-a “A Maravilhosa da Baleia”, do latim, Mira(bili) Ceti. Mira Ceti foi, portanto, a primeira variável a ser descoberta e, na época, esta descoberta contribuiu para a rejeição da ideia de que a abóbada celeste era imutável.

Ficaram conhecidos nesta revista os artigos do Dr. Formigão sobre os assuntos de Roma e dos seus Pontífices, para não falar dos temas de Fátima e da Santa Religião, que procurou dar sempre a devida actualidade e oportunidade. Foi igualmente aqui que ele foi publicando os belos sonetos, todos eles dirigidos à Santíssima Virgem, num total de 50, os quais, depois de reunidos, foram objecto do seu último livro: Sonetos - Paráfrase da Ladainha Lauretana, publicado em 1956, por ocasião do ano centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição e que atrás já se falou.

É meu entendimento e convicção que o Dr. Formigão jamais usaria este pseudónimo para aplicar à sua personalidade, pois esse facto iria contrariar tudo o que a Congregação das Religiosas Reparadoras de Fátima já estudou, analisou e publicou ao longo dos anos sobre o seu fundador: ofuscou-se para brilhar Deus nos irmãos! Creio que, ao utilizar o pseudónimo Mira Ceti, estava a transfigurar e a glorificar a Virgem Maria, dando assim continuidade ao nome da própria revista – Stella – que mais não é que a forma abreviada de Stella Matutina, ou seja, Nossa Senhora, sob a invocação de Estrela da Manhã, conforme era e ainda é cantada nas ladainhas. Ou não fosse toda a sua vida e obra literária um hino à Mãe

Celeste! Saboreemos o soneto com aquele título, publicado no primeiro número:

A Estrela da Manhã raiou um dia  
No lindo céu azul de Portugal,  
As bênçãos esparzindo de Maria  
E de Jesus a graça divinal

Hoje, em Fátima – a Serra nua e fria  
Que Deus tornou um Éden terreal –  
A Pátria e o Mundo exultam de alegria,  
Saciando a fome e a sede de Ideal...

Ali, na Espanha, a guerra fratricida  
O fio vai cortando a tanta vida,  
Lago de sangue, imenso mar de dor!

Aqui, na Lusa Terra, a paz domina,  
Mercê da bela Estrela Matutina,  
Que enche as almas de vida, luz e amor!